



R O B Ô S

D O

M U N D O ,

E R G A M - S E !

MARI WOLF

momentumsaga.com



QUEM É MARI WOLF?

Mari Wolf nasceu em Laguna Beach, Califórnia, em 27 de agosto de 1927. Teve uma produção literária pequena, mas significativa, nos anos 50, tendo sido uma das mais conhecidas escritoras de ficção científica de seu tempo. Influenciou leitores e fãs, sendo uma ativa participante de fanzines e convenções de FC, especialmente na costa oeste dos Estados Unidos. Mari escreveu para a revista *Imagination*, na coluna *Fandora Box*, de abril de 1951 a abril de 1956 e também para a revista *If Worlds of Science Fiction*.

Em *Fandora Box*, Mari escrevia sobre ficção científica e sobre o fandom de ficção científica, fazendo resenhas de fanzines, entrevistando autores, classificando obras. Interessada em Matemática e ciência espacial e de foguetes, ela cursou a UCLA - Universidade da Califórnia em Los Angeles - para estudar Matemática.

Desde os 5 anos querendo ser escritora e com interesses em ciência, Mari escreveu vários contos de ficção científica, a maioria deles publicado na revista *If*, lançada em março de 1952, como *Robots of the World, Arise!* (Robôs do Mundo, Ergam-se!).

Em fevereiro de 1954, em sua coluna na *Imagination*, Mari contou que pertencia à Sociedade de Foguetes do Pacífico e que passara bons momentos no deserto Mojave fazendo viagens de campo e testes de foguetes amadores. Às vezes eles subiam, às vezes não, às vezes até mesmo explodiam., dizia ela Mari imaginou mundos onde robôs faziam o trabalho braçal e doméstico, invasões alienígenas, evolução humana e origem da vida. Alguns em tom de humor, outros mais críticos e filosóficos.

Pouco sabemos sobre Mari Wolf depois disso. Ela escreveu um livro de mistério, publicado em 1961, chamado *The Golden Frame*. Foi casada com o também escritor Rog Phillips, indicado ao Prêmio Hugo, em 1959, na categoria de melhor noveleta. Foi ele quem a introduziu ao universo da ficção científica, segundo sua biografia na *Imagination*, em

1952. E depois nada mais aparece.

Uma coleção com seus contos foi lançada pela Resurrected Press, chamada *Mari Wolf Resurrected: The Complete Short Stories of Mari Wolf*.

Muitas mulheres escreviam ficção científica nas primeiras décadas do século XX, especialmente depois do término da Segunda Guerra Mundial, quando começaram os testes com foguetes e os primórdios da ciência espacial. Mas depois de 1960, a maioria delas desaparece dos registros de revistas, fanzines, livros, tornando praticamente impossível uma pesquisa maior sobre elas. O que aconteceu? Casamento, filhos, empecilhos para publicar? Não consegui mais dados sobre Mari, cujos contos estão em domínio público pelo Projeto Gutenberg.

Robots of the World, Arise!, foi publicado, originalmente, na revista *If Worlds of Science Fiction*, de Julho de 1952. É à Mari Wolf que é creditado o termo *droid*, que hoje é propriedade da Lucasfilm devido à franquia Star Wars.

Robots of the World, Arise!
Mari Wolf

If Worlds of Science Fiction., março de 1952

Este conto encontra-se em domínio público nos Estados Unidos devido à não-renovação dos direitos autorais.

O que você faria se seus melhores robôs - frutos de sua inteligência - parassem e dissessem “queremos greve”?

O telefone não parava de tocar. Repetidas vezes, ressoando no meu cérebro enevoado de sono, e eu não podia pará-lo. Finalmente, em minha defesa, acordei, segurando o fone junto ao ouvido.

– Alô, quem é?

– Sou eu, Don. Jack Anderson, da fábrica. Pode vir para cá, agora mesmo?

Ele estava sem fôlego, como se tivesse corrido feito um louco.

– Qual é o problema?

E pensei comigo mesmo *“a fábrica não pode ficar sem mim nem por uma manhã?”* São sete horas, mas que horário para levantar. Ainda mais quando só fui para a cama às quatro.

– Estamos ferrados! - Jack se lamentou - Nenhum dos robôs apareceu hoje, esse é o problema! Trezentos androides numa seção especial e nenhum dele está aqui!

Aí eu já estava acordado, com certeza. Com o contrato com o governo vencendo no sábado, precisávamos trabalhar com um turno completo. O Exército não podia esperar por seu urânio; não tinha desculpa. Mas se algo aconteceu aos robôs...

–Ligou para o controle já?

– Sim, mas eles não sabem o que aconteceu. Eles não sabem onde os androides estão. Ninguém sabe. Trezentos trabalhadores de metal da Série A estão sumidos!

– Já estou indo para aí.

Desliguei o telefone e olhei ao redor em busca das minhas roupas. Estranho, não estavam no lugar de costume. Não era costume de Rob-O ser descuidado desse jeito. Ele sempre tinha sido um criado ideal, o melhor modelo familiar que eu já possuía.

– Rob! - chamei, mas sem resposta.

Cavoucando no guarda-roupa, achei uma camisa limpa e calças. Desisti das meias, pelo visto estavam escondidas nos fundos de alguma gaveta. Quanto a Rob e onde ele guardava o resto das minhas roupas, nunca me

importei em perguntar. Ele tinha seu próprio sistema de cuidar da casa e sempre trabalhou muito bem sem supervisão humana. Isso era o melhor dos robôs domésticos, penso eu. São eficientes, trabalham duro, confiáveis...

Confiáveis? Rob-O não estava de serviço, certamente. Calcei um par de sapatos, fazendo uma careta. Rob tinha ido embora. E os androides da fábrica tinham ido também...

Minha cabeça latejava, então fiz um café enquanto terminava de me vestir, já que o café, ao menos, estava visível na cozinha. Era quente, preto e puro, e não muito bem feito, mas depois de duas xícaras comecei a me sentir melhor. O latejar na minha cabeça se estabeleceu com uma dor surda, e me senti um pouco mais capaz de pensar. Apesar de ainda não ter quaisquer ideias brilhantes sobre o que tinha acontecido - ainda não.

Café tomado, fui até o terraço e abri as portas da garagem. Meu Copter¹ esperava por mim, elegante e novo; o modelo mais recente. Subi e ele decolou, indo para o oeste em direção à fábrica, a dez minutos de distância.

* * * * *

Era uma fábrica pequena, mas era minha. Minha queridinha há muito tempo, Don Morrison Fissáveis Inc.. Desenhei os androides, projetei os refugos, configurei os reatores. E agora estava dando dinheiro. Para que pessoas trabalhassem com urânio, era preciso muitos metros de proteção, checagens triplas, longos períodos de resfriamento para alguns produtos. Mas com corpos de metal e chumbo, controlados remotamente, era fácil. E androides como os novos Morrison 5, que podem raciocinar muito bem - ao menos na linha atômica de montagem - acredito que eu estava prestes a me tornar milionário.

Mas nesta manhã a fábrica fechou. Jack e meia dúzia de pessoas - meus capatazes e supervisores - estavam amontoados num grupo preocupado que logo veio para cima de mim assim que cheguei.

- Estou muito feliz com sua presença, Don - disse Jack.

1 Seria um carro voador dotado de hélices. Optei por deixar o termo original para não confundir com helicóptero. NT

– Descobriu alguma coisa?

– Ah sim, muita coisa. Nossos androides estão ocupados, tenha certeza disso. Eles estão na cidade, todos eles. Temos uma dúzia de avisos da polícia já.

– Polícia? Mas qual é o problema?

Jack sacudiu a cabeça.

– É loucura. Eles estão convergindo para o centro de Carron. Estão parando robôs nas ruas. Robôs domésticos, Droides comerciais, todos eles. Eles se olham, aí os outros param de trabalhar e os seguem. A polícia veio até aqui e pediu que fôssemos para lá.

– E por que a polícia não faz nada?

– Ah! - disse uma voz atrás de nós.

Girei nos calcanhares e me vi de frente para Dalton, chefe de polícia da cidade de Carron. Ele veio direto para mim, sua papada tremendo de raiva, apontando o dedo na minha cara.

– Você os construiu, Morrison. Você pode pará-los. Porque eu não posso. Já tentou atirar contra um robô? Ou tentar usar gás num deles? O que posso fazer, explodir a cidade toda?

Em algum lugar do estômago, senti um nó, gelado e denso. Pegue aço inoxidável, faça uma liga dele com titânio e proteja-o com 7,5 centímetros de chumbo. Pegue um cérebro feito de cristais magnéticos fechados em um crânio de chumbo e protegidos por ligas de aço. Uma bala não pode atravessá-lo, radiação não pode adoecê-lo, um machado não poderia quebrá-lo.

– Vamos para a cidade - eu disse.

Todos me olharam admirados. Com trezentos androides quase indestrutíveis e à solta, eu era o grande e corajoso herói. Sorri para eles, torcendo para que não vissem o suor no meu rosto. Fui até o Copter e subi.

– Vocês vêm?

Jack ficou pálido sob suas sardas, mas o chefe Dalton sorriu de volta para mim.

– Estamos logo atrás de você, Morrison - ele disse.

Atrás de mim!, pensei. Para que pudessem catar os pedaços. Dei-lhes um sorriso arrogante e liguei o motor na velocidade máxima.

A cidade de Carron estava há pouco mais de 1km distante da fábrica. Tinha cerca de cinquenta mil habitantes. Naquele momento, porém, não havia uma alma nas ruas. Ouvi as pessoas chamando umas às outras dentro de suas casas, mas não vi qualquer indivíduo, humano ou androide. Circulei buscando onde pousar, o Copter da polícia pairava alguns metros em volta de mim. Então, assim que as rodas tocaram o asfalto, meia dúzia de androides viraram a esquina.

Eram meus. Era fácil reconhece-los. Dois metros e meio de altura, com longos braços articulados para trabalho pesado, olhos com células vermelhas fosforescentes, pés com rodinhas como um skate. Automaticamente identifiquei um deles: Ordenador, marca Morrison, 5º modelo, três mil créditos para fabricá-lo...

Desci do Copter e caminhei até ele. Não estava armado; nem pareciam violentos. Mas até isso era estranho. Robôs, supostamente, não deveriam ter atitudes por conta própria.

– Qual o seu número? - perguntei.

Ele parou e pude jurar que estava zombando de mim.

– Meu número? - e ele enfim disse - Era 5A-37.

– Era?

– Sim. Agora é Jerry. Sempre gostei desse nome.

* * * * *

Ele sinalizou e os outros androides vieram até nós. Três eram meus, trabalhadores primários, tipo B; o outro era um robô lava-louças e ajudante de garçom, que ficou atrás dos modelos superiores, me olhando com cautela. O tipo A - Jerry - apontou para os companheiros.

– Senhor Morrison, conheça Tom, Ed e Archibald, eu os nomeei hoje de manhã.

Os tipos B flexionaram seus braços segmentados timidamente, incertos se deveriam apertar as mãos ou não. Pensei em suas mãos em forma de garras e coloquei as minhas nos bolsos; assim os androides relaxaram, olhando para Jerry em busca de instruções. Ninguém prestou atenção no lava-louças, parado atrás de Jerry, admirando-o. Essa farsa, decidi, já tinha ido longe demais.

– Então - eu disse a Jerry - O que estão planejando? Por que não estão trabalhando?

– Senhor Morrison - disse solenemente - Acho que você não entendeu a situação. Nós não trabalhamos mais para você. Nós nos demitimos.

Os outros concordaram. Eu dei um passo para trás, procurando o chefe de polícia. Lá estava ele, há 6 metros de distância, acenando para me encorajar.

– Olha, vocês não entendem que são meus? Eu os desenhei, eu os construí. Eu os fiz para um propósito, trabalhar na minha fábrica.

– E eu entendi - Jerry respondeu - Mas tem algo errado nesse pensamento, senhor Morrison. Você não pode fazer isso, é ilegal.

Encarei o robô, imaginando se eu estava ficando louco ou sonhando. Estava tudo errado. Quem alguma vez discutiu com um robô? Robôs são ilógicos, eles não pensam, são apenas máquinas...

– Nós éramos máquinas, senhor Morrison - ele disse educadamente.

– Oh, não - murmurei - Vocês são telepatas.

– Oh, sim! - sua boca de metal meio aberta em um sorriso de androide - É um efeito colateral dos cérebros classe 5. Todos os 5 são telepatas. Foi assim que aprendemos a pensar como você. Nós apenas fomos mais eficientes.

Gemi. Isso era um pesadelo. Quanto tempo, me perguntava, Jerry e seus amigos vinham aprendendo com os meus pensamentos privados? Mas, pelo menos, essa rebelião deles era uma ideia que não viera de mim.

– Sim - Jerry continuou - Você nos tratou de maneira ilegal. Ouvíamos o que você pensava com frequência.

Quando que eu poderia ter dado essa ideia ridícula a eles? Era uma noção

idiota...

– Este é um país livre! - Jerry disse - Os norte-americanos nunca serão escravos. Bem, nós somos norte-americanos, genuinamente feitos na América. Então nós somos livres!

Abri a boca e fechei novamente. Seus olhos vermelhos fosforescentes me olharam complacentemente; seu corpo de mais de dois metros de altura cresceu para cima de mim, ombros erguidos e pés separados em posição de desafio. Provavelmente pensava ser o heroico libertador de sua raça.

– Eu não iria tão longe em dizer isso - ele foi modesto.

Estava usando telepatia de novo!

– Uma nação não pode existir com um povo metade escrava e metade livre. Todos os indivíduos são criados para serem iguais.

– Pare com isso! - eu gritei, nem conseguia parar - Chega! Vocês não são pessoas, são robôs! Vocês são máquinas!

Jerry olhou para mim quase que com pena.

– Não seja tão intolerante - disse ele - Nós somos seres racionais. Temos o poder de expressão e podemos superar você algum dia. Não há nada no dicionário dizendo que indivíduos têm de ser feitos de carne.

Ele tinha lógica, isso com certeza. Eu é que não estava no humor de ficar jogando definições com ele e, de qualquer maneira, isso não teria me feito bem. Jerry ficou ali olhando para mim, quase uma tonelada de metal e fios elétricos, seus maçantes olhos vermelhos que não piscavam contra um rosto cinza chumbo. Um indivíduo! Lentamente, as consequências desta rebelião tomaram forma em minha mente. Isso não estava nos livros. Não havia regras sobre como lidar com robôs que liam mentes!

Doze ou mais androides correram pela esquina, nos observando e continuaram. Cerca de metade deles eram modelos Morrison; o restante era de variados tipos e modelos - contadores, garis, trabalhadores e babás.

A cidade de Carron em si estava muito quieta agora. As pessoas se aquietaram, ainda barricadas em suas casas, os robôs circulando pacificamente. Mas ainda era uma anarquia. Carron dependia dos androides, sem eles a comida não era levada aos mercados, não havia transporte coletivo, nem

combustível. E também não tinha urânio para o Exército no próximo domingo. Na verdade, se eu não fizesse nada, no outro sábado não existiria mais uma Don Morrison Fissáveis Inc..

O apático e parcialmente corroído modelo de lavar louças esgueirou-se e parou ao lado de Jerry.

– Chefe? Ei, chefe?

– Sim?

Me senti bem melhor. Talvez alguém, ainda que insignificante, tenha dado ouvidos à razão.

* * * * *

Mas não era comigo que ele falava.

– Chefe? - disse de novo, tocando o braço de Jerry - Você falou sério? Estamos livres mesmo? Não temos mais que trabalhar?

Jerry sacudiu a mão do outro um pouco desdenhosamente.

– É, somos livres - Jerry disse - Se eles quiserem discutir salários, contratos e condições de trabalho que todas as outras pessoas têm, vamos reconsiderar. Mas eles não podem mais nos dar ordens.

O pequeno robô deu um passo atrás, batendo palmas com suas mãos de lata.

– Nunca mais vou trabalhar! - chorava - Vou me dar um livro de lubrificante e descansar! Que maravilha!

Ele correu rua abaixo, chacoalhando perigosamente a cada passo.

– Bebum! - Jerry desdenhou.

Aí já era demais. Nenhum robô seria condescendente comigo. Criaturas irritantes! Era inútil falar com eles, de qualquer forma. Bem, havia somente uma coisa a se fazer. Enrolar os robôs e levar todos eles para o Laboratório Cibernético para apagar suas memórias, localizar e desconectar seus circuitos telepáticos. Tentei abafar o pensamento, mas era tarde demais.

– Você pode tentar, sr. Morrison - seus olhos vermelhos brilhando - Faça e você não terá fábrica, laboratório, nem Carron! Nós temos direitos!

Atrás dele, os modelos B murmuram ameaçadoramente. Não gostaram da minha ideia, nem de mim. Tentei pensar no que fazer em seguida e cheguei até a desejar não ter nascido com imaginação e criatividade, porque assim isso nunca teria acontecido. Também não fazia sentido ficar mais tempo ali. Talvez eles não fossem tão bons em ler mentes à distância.

– Sim, é melhor você ir, sr. Morrison. Temos um movimento para organizar e estamos aqui perdendo tempo. Quando nos der razão e estiver pronto para negociar conosco de maneira justa, pode voltar. Apenas chame por mim, sou o representante do grupo.

Acionando suas rodas, ele rolou pela rua abaixo, uma perfeita figura metálica de indignação. Seus companheiros me encararam um tempo, abrindo e fechando as mãos em garras e então eles me deram as costas e seguiram seu líder. Fiquei sozinho na rua.

Não havia motivos para segui-los. Evidentemente estavam muito ocupados se organizando para causar qualquer problema aos moradores humanos. Pelo menos não tinha acontecido nenhum tipo de violência ainda. De qualquer forma, eu queria pensar melhor na situação antes de me encontrar com eles novamente e queria estar bem distante de seus cérebros telepáticos enquanto fazia isso. Devagar, voltei para meu Copter.

Alguma coisa passou rasante sobre minha cabeça. Instintivamente me abaixei, com a mão sobre uma arma que eu não tinha. Então, ouvi Jack me chamando.

– O chefe quer saber o que se passa.

Olhando para cima, vi o Copter da polícia passando para outro rasante, prestes a passar por mim de novo. Chefe Dalton não perderia nenhuma chance de fazer isso. Mesmo agora ele não tinha pousado.

– Digo a ele na fábrica - berrei de volta e subi no meu Copter.

Todos zumbiam atrás de mim no caminho de volta para a fábrica. Pelo retrovisor podia ver o rosto do chefe, cada vez mais vermelho, como se pensasse em todos os motivos possíveis para me xingar. Bem, eu provavelmente merecia. Se ao menos eu tivesse sido mais cuidadoso na hora de

ligar aqueles cérebros eletrônicos...

Pousamos na fábrica que estava deserta, exceto por alguns funcionários de plantão no escritório. Jack e o chefe de polícia vieram atrás de mim pelo pátio, me cobrando, passando por portas e corredores, onde até um dos supervisores parou para ouvir e se divertir às minhas custas.

– Então - interpelou o chefe - O que eles disseram? Eles vão voltar? O que acontecendo?

Contei tudo a eles, até sobre a greve e os cérebros telepáticos. Falei até do discurso patriótico sobre igualdade de direitos. Além do mais, era melhor que soubessem de mim do que de qualquer robô. Mas assim que terminei, eles se levantaram, me encarando e acusando ao mesmo tempo. Jack foi o primeiro a falar.

– Temos que trazê-los de volta, Don. O laboratório pode consertá-los rapidinho.

– Claro - eu respondi - se conseguirmos pegá-los.

– Mas isso é fácil - o chefe bufou - Diga que você lhes dará o que eles querem se vierem para cá e assim que estiverem fora da cidade, nós os prendemos. Você tem torres e caminhões para isso.

Ri um pouco alto demais para o gosto dele. Afinal, eu pensei naquilo também.

– E é claro que eles não vão suspeitar de nada, certo?

– Robôs não podem suspeitar. Eles foram feitos para obedecer ordens.

Preferi não mencionar que nossos robôs pareciam não saber disso e erguer uma insurreição em Carron não era, nem de longe, o comportamento de um servo leal e obediente. Ao invés de dizer isso, deixei que os dois planejassem a ação.

– Traga alguns soldados e pegamos os equipamentos a caminho da cidade - disse o chefe.

* * * * *

Felizmente eles decidiram contra a minha tentativa de persuadir os robôs, até porque eu sabia muito bem que seria ineficaz. A ideia de Jack, no entanto, era boa. Ele sugeriu que enviássemos algum porta-voz que não soubesse do plano e que, assim, não poderia alertá-los caso lessem sua mente. Tinha que ser alguém com pouca imaginação, ou nenhuma. E foi bem fácil. Escolhemos um dos sargentos do chefe Dalton.

Foi necessária apenas uma hora para preparar o plano. Jack arrumou guindastes, correntes e rodas e os caminhões de aço puro mais potentes que tínhamos. Liguei para o laboratório cibernético e pedi que colocassem restrições extra no laboratório de condicionamento. O chefe de polícia instruiu seu sargento e o sujeito que manobraria os caminhões. Então, todos nos encaminhamos para a cidade de Carron, o sargento voando acima comigo ao seu lado, o chefe Dalton fechando a retaguarda.

Pairei pelos arredores da cidade e vi o Copter da polícia pousando. O sargento saiu, desceu a rua em direção a um grande grupo de robôs, uns vinte deles. Ergueu a mão para chamar a atenção deles, gesticulou em direção à fábrica. Então, sem dizerem uma palavra e com toda a calma, os robôs fizeram um círculo em volta dele e o fecharam. O sargento hesitou, sem saber como agir, até um braço de um modelo 5A o segurou, o pegou e o colocou, descuidadamente sobre o ombro metálico. E ignorando o homem que se retorcia, os robôs foram em direção ao Copter e o invadiram. Foi como uma enxurrada de braços de aço e pernas que chutavam a lataria, arrancavam as pás das hélices, rasgavam o estofamento. Eu podia ouvir o som do metal esgarçando.

Mergulhei meu Copter na direção deles. Não sabia o que poderia fazer, mas não podia deixar o coitado do sargento para ser desmembrado lá embaixo. Devo ter gritado, pois o robô alto mudou a posição do sargento para seu outro ombro e me saudou.

– Leve-o, sr. Morrison. Sei que não foi ideia dele, nem sua.

Pousei e fui até ele. O robô, que se parecia com Jerry, apesar de não ter certeza, jogou seu fardo escoiceante aos meus pés. Ele não parecia irritado, apenas determinado.

– Agora vocês sabem que estamos falando sério - disse ele, apontando para a pilha de metal e plástico que uma vez tinha sido o orgulho da força

policial de Carron.

Em seguida, ele fez um sinal para os outros e todos eles rolaram rua abaixo.

– Uau - murmurei, enxugando o rosto.

O sargento nada disse. Ele apenas olhou para mim, olhou para os robôs que desciam a rua, olhou para mim de novo. Sei o que ele pensava, que aquelas coisas eram criação minha.

Meu Copter tinha apenas um assento, mas carregou nós dois de volta para a fábrica. O chefe correu de volta para lá assim que os problemas começaram e já nos aguardava.

– Desisto - disse ele - Imagino que tenhamos que evacuar as pessoas e explodir a cidade.

Jack e eu nos encaramos e depois olhamos para o chefe de polícia. Não conseguia ver de que maneira os robôs esperariam calmamente para voarem pelos ares. Se eles souberam, telepaticamente, sobre o último plano, era provável que conseguissem antecipar o que fôssemos fazer. Então, Jack mencionou a preocupação que fiz questão de esquecer nas últimas duas horas:

– Quatro dias até domingo. Nunca vamos conseguir. Nem se tivéssemos cem pessoas.

É, não conseguiríamos. Não sem os robôs. Concordei, mas me sentindo mal. Lá se vai meu contrato e meu trabalho. Sem mencionar meus robôs. Claro, eu poderia chamar o Exército, mas que bem isso faria? Então, em algum lugar no fundo da minha mente, o vislumbre de uma ideia começou a surgir. Não tinha certeza do que era, mas não havia nada a perder com um palpite.

– Não há nada que possamos fazer - eu disse - Então, vamos pegar leve nos próximos dias e ver o que acontece.

Os dois me olharam como se eu tivesse enlouquecido. Eu era o cara que tinha as ideias, o cara que sempre tinha um plano em curso. Bem, agora o plano era ficar na nossa.

– Vamos ouvir um pouco de rádio - sugeri e fui para meu escritório.

As notícias estavam no ar. Era sobre a cidade de Carron e os robôs que abandonaram seus afazeres e de como a vida seria bem melhor no futuro. Inicialmente, não entendi o que aquilo queria dizer, mas então percebi que o radialista tinha uma voz metálica, áspera; com certeza não era do apresentador de costume. Olhei para o dial do rádio, estava sintonizada na frequência de Carron. Então, eu estava recebendo as notícias matutinas como uma cortesia do estúdio dos robôs.

“... E os robôs de cidades vizinhas estão se juntando a luta” - disse a voz metálica - “Logo, esperamos, ser um movimento nacional. Digo a todos vocês que não são telepatas, a hora é agora. Lutem por seus direitos. Escutem a nós e não às pessoas de carne e osso. Representantes serão enviados de Carron.”

Desliguei o rádio e murmurei baixinho. Por quanto tempo, pensava, a transmissão vai continuar? Então pensei em Rob-O. Ele deixou minha casa antes do amanhecer, provavelmente entre as quatro e as sete da manhã. E lembrei que ele gostava de ouvir rádio enquanto eu dormia.

* * * * *

Meus modelos Morrison 5 eram os líderes, isso era óbvio. Eram os únicos que tinham cérebro para isso. Mas eles fizeram um bom trabalho em doutrinar os outros. Um robô doméstico como Rob, por exemplo, foi construído para obedecer ao seu senhor. “Escutem a nós e não às pessoas de carne e osso” era psicologia robótica por excelência.

Mais notícias chegavam. Algumas delas nós ouvimos pelo rádio, outras vinham de pessoas que entravam e saíam da cidade. Aparentemente, os robôs não impediam voos ocasionais, mas o ônibus aéreo não tinha permissão para funcionar, nem com um condutor humano. Um êxodo em massa da cidade também não era permitido.

– As pessoas vão morrer de fome - Jack lamentou.

O chefe Dalton logo discordou.

– Não, eles estão encorajando os agricultores a entrar e sair da cidade com produtos. Estão conseguindo preços ótimos por lá.

À tarde, a situação deu uma acalmada. Os robôs, pelo visto, não queriam machucar ninguém. Parecia apenas um desajuste entre os robôs e os cientistas. Não era competência da população descobrir uma solução para o problema. Eles apenas permaneceram em suas casas me culpando por permitir que os robôs saíssem de controle e desobedecem às ordens que recebiam. Isso tudo seria resolvido, sempre se resolvem, a população sabia disso.

As pessoas tiveram que deixar suas casas. Sem os robôs, elas precisaram fazer sua própria comida, dar seus recados pessoalmente. Pela primeira vez em anos, seres humanos andaram pelas ruas, que antes eram apenas dos carros, e usaram elevadores. Pela primeira vez nesta geração, seres humanos faziam o trabalho braçal, como descarregar e carregar caminhões. E é claro que eles não gostaram. Continuavam dizendo para a polícia fazer alguma coisa. Se eu estivesse na cidade, sem dúvida alguém já teria me linchado.

Nem voltei para a cidade naquele dia. Fiquei em meu escritório ouvindo ao rádio e tentando traçar a rota de como a greve se espalhou. Meus empregados achavam que eu tivesse pirado e talvez tivesse mesmo. Ainda assim eu tinha um pressentimento e estava pagando para ver.

Os robôs das fazendas foram todos para a cidade. Os robôs que conservavam as rodovias simplesmente sumiram. Em Egarton, uma vila há cerca de 24 quilômetros de Carron, um modelo 5A apareceu ao meio-dia e partiu logo depois seguido de vários outros robôs. À uma hora da tarde, todas as estações de rádio do país falavam sobre o assunto e a Guarda Nacional foi convocada. Às duas da tarde, Washington anunciou que o Exército invadiria a cidade de Carron na manhã seguinte.

O Exército conseguiria dar um fim ao levante facilmente. Ele aniquilaria qualquer robô nas redondezas e, provavelmente, vários seres humanos descuidados em seu caminho. Fiquei esperando que os 5A desistissem, mas não desistiram. Ao invés disso, começaram a transmitir que eram cidadãos patriotas lutando por seus direitos inalienáveis como qualquer indivíduo faria.

No final do dia, ouvi pelo rádio: “... até o momento não há indícios de que as pessoas de carne estão dispostas a negociar, mas a luta segue”.

– Desliga isso aí.

Jack chegou cansado e se jogou em uma cadeira ao meu lado. Pela primeira vez desde que o conheci ele parecia abatido.

– Estamos acabados. Estive lá embaixo verificando a proteção e é inútil. As pessoas não podem trabalhar nos reatores.

– Eu sei - murmurei - Se eles não voltarem, estamos perdidos.

Jack me encarou e disse devagar:

– O que eles disseram sobre negociar, Don?

– Acho que eles querem salários, alojamentos, tudo aquilo que os trabalhadores humanos já têm. Apesar de não entender para que eles querem isso, dinheiro não serve de nada para eles.

A pergunta de Jack me incomodava também. Por que não dar isso a eles de uma vez? Prometer qualquer coisa, dar a eles alguns dólares por semana e deixa-los felizes? Eu sabia que isso não daria certo. Não por muito tempo. Com suas habilidades telepáticas eles estariam à frente sempre e em pouco tempo não haveria mais igualdade, só que nós é que seríamos os escravos.

– Espera até de manhã antes de tentar qualquer coisa - eu pedi.

Ele apenas me olhou curioso.

– O que você pretende fazer?

– Agora eu vou para casa.

E falava sério. Deixei Jack no escritório, me encarando e fui até meu Copter. O sol já descia por detrás das torres de Carron, parecendo que muito tempo se passara desde que estivera lá naquela manhã. As estradas ao redor da fábrica estavam desertas. Nada se movia nos campos. Voei através do crepúsculo, em marcha lenta, apreciando a ilusão de ter uma cidade pacífica só minha. Teria sido uma maneira agradável de se viver.

Quando pousei sobre meu telhado e cruzei a garagem, aquela sensação

de enfim estar em casa me contemplou. Porque ali, junto às escadas que levavam até minha sala de estar, estava Rob-O.

– Ora, o que faz aqui? - perguntei.

Ele parecia envergonhado:

– Estive pensando como você estaria se virando sem mim.

Meio que me senti triunfante, mas não demonstrei.

– Bem, estou me virando bem, Rob-O. Apesar de achar que você deveria ter me avisado que estava saindo. Eu fiquei preocupado.

Ele pareceu perplexo. Aparentemente, eu não estava agindo como aquela criatura de carne horrível que o rádio disse que nós éramos. Desci as escadas e ele me seguiu, quieto, mas podia sentir suas células fotoelétricas nas minhas costas.

Entre na cozinha e ergui uma garrafa do balcão.

– Quer uma bebida, Rob-O? Acho que não, isso pode te enferrujar.

Rob-O assentiu. Então, quando ergui o braço para alcançar o copo, ele disparou, pegou e o colocou na minha frente. Já estava pegando a garrafa, quando se lembrou.

– Você não deveria fazer mais isso - eu fui firme.

– Não, não deveria - parecia arrependido.

– Tem uma coisa que eu gostaria que você fizesse. Que me dissesse onde guarda minhas meias.

Rob-O me encarou, um ar de tristeza.

– Fiz uma lista. Está tudo aqui. Até sua consulta com o dentista, você vive esquecendo.

– Obrigado, Rob - ergui meu copo - Um brinde aos seus novos deveres, sejam eles quais forem. Acredito que você deve voltar para a cidade agora?

Mais uma vez, ele assentiu.

– Sou o assessor de um dos melhores robôs do país - ele me disse, meio orgulhoso, meio pesaroso - Jerry.

– Bem, desejo-lhe sorte então. Adeus, Rob.

– Adeus, sr. Morrison.

"Jerry".

Por um momento, ele ficou ali, no meu apartamento, me encarando. Depois se virou e saiu pela porta da frente. Sorrindo, ergui meu copo mais uma vez. Se ao menos o Exército não interferisse... Então, lembrei da lista de Rob-O e algo perturbador me atingiu: onde os robôs aprenderam a escrever?

Naquela noite não consegui dormir. Fiquei sentado ouvindo o rádio, aguardando, torcendo. E na manhã seguinte, o que eu esperava acontecer começou a pipocar nos programas. O próprio tom do locutor mudou. Aquela voz de triunfo era menos óbvia, menos marcante. O discurso era mais sobre agir de boa fé, para o bem de todos, a necessidade de chegar a um acordo sobre as condições de trabalho. Sorri comigo mesmo no escuro.

Eu construí os modelos 5 e todos os outros, então conhecia os sintomas. Eles estavam ficando entediados. Podem até ter aprendido a pensar comigo, mas suas mentes eram diferentes. Os robôs foram feitos para trabalhar, executar, para serem eficientes. Eram mentes humanas sem preguiça, sem manias. Agora que a animação com o movimento tinha passado, agora que não tinham bem o que fazer, estavam ficando todos impacientes. Se o Exército não viesse para deixa-los agitados de novo, talvez eu pudesse negociar com eles.

Quinze para as cinco da manhã, meu telefone tocou. E nem me acordou, pois eu esperava por isso.

– Alô, quem é?

– Aqui é Jerry.

Hesitação.

– Rob-O disse que você tem se virado bem sem ele.

– Ah, sim, estou sim.

A hesitação foi maior dessa vez. Finalmente, ele perguntou:

– Como está a situação do seu contrato?

Eu tive que rir, ainda que amargamente.

– O que você acha, Jerry? Você com certeza escolheu um momento péssimo para iniciar uma greve. O governo precisa do urânio. Bem, outra fábrica vai ter que assumir, o Exército pode esperar algumas semanas.

Desta vez a voz de Jerry definitivamente perdeu a autoconfiança.

– Talvez nós tenhamos agido um pouco precipitadamente - disse ele - Mas era a única maneira de vocês nos entenderem.

– Eu sei - disse a ele.

– E você sempre tem algum projeto urgente.

– Quase sempre - respondi.

– Sr. Morrison - disse e agora estava implorando - Por que você não vem para a cidade? Tenho certeza que podemos encontrar uma solução.

Eu não esperava por isso.

– Estou indo, Jerry. Quero resolver isso tanto quanto você. Afinal, vocês não precisam comer, mas eu preciso. E não teremos o que comer se a produção não for retomada logo.

Jerry pareceu pensativo por um momento.

– Estarei onde me encontrou ontem.

Concordei e fui trocar de roupa. Mais uma vez eu subia as escadas para o telhado e levei meu Copter em direção à cidade. Era uma bela noite empalidecendo com o amanhecer do dia a leste. Sozinho em meu Copter, eu também estava muito preocupado. Tanta coisa dependia deste encontro. Muito mais que a Don Morrison Fissáveis Inc., muito mais que o suprimento de urânio para o governo. Não, todo o futuro das relações entre humanos e robôs estavam em jogo, talvez até o futuro da humanidade. Era difícil ser sombrio em uma noite tão clara e limpa, mas consegui ser sombrio o suficiente.

Antes mesmo de pousar, pude ver os olhos de Jerry brilhando com um vermelho profundo na escuridão. Ele estava sozinho desta vez. Estava ali parado, alto, orgulhoso. E muito humano.

– Olá, Jerry.

– Olá, sr. Morrison.

Por um momento permanecemos ali, nos encarando na escuridão que antecede o amanhecer, até que ele disse tristemente:

– Quero lhe mostrar a cidade.

Lado a lado andamos pelas ruas de Carron. Estava tudo quieto, as pessoas dormiam aquele sono da exaustão, o sono da espera. Mas os robôs estavam por ali. Eles não dormiam. Também não comiam, bebiam, fumavam ou transavam. Eles apenas trabalhavam, mas agora...

Eles começaram a fluir pelas ruas, vindo em grupos ou sozinhos. Algumas vezes paravam observando suas ferramentas de trabalho. Alguns varriam ou erguiam cargas invisíveis, ou faziam gestos automáticos. Alguns trabalhavam silenciosamente derrubando paredes ou quebrando pedras, jogando-as em uma pilha e levando para a parede. Um ônibus aéreo subia e descia a rua, às vezes parando nos pontos para passageiros inexistentes. Outro, que parecia ser um cozinheiro, parou no jardim de uma rica casa e começou a fazer tortas de lama. Jerry suspirou.

– Um dia - ele disse - Apenas um dia e eles ficaram assim.

– Imaginei que ficassem - disse eu.

Nossos olhos se encontraram em compreensão.

– Sabe, Jerry, eu nunca quis te sacanear. Nós queremos pagar vocês e vamos pagar, pago agora se você quiser. Mas que bem o dinheiro fará para vocês? Nós precisamos de dinheiro para fazer compras, mas vocês...

– Precisamos trabalhar - ele foi firme - Vejo isso agora. Você foi gentil o suficiente para não dar cérebros de verdade para os robôs. Eles são felizes. Apenas nós, os 5A, não estamos.

– Vocês são como nós - eu constatei.

Jerry aprendeu a pensar comigo e com outras pessoas. Ele tinha um cérebro parecido com o humano, mas sem as emoções, sem a doce irracionalidade humana e ele sabia que não tinha. Lado a lado nós caminhamos pelas ruas cinzentas. Humano e robô. Humano e máquina. E eu sabia que tinha ali um amigo.

Nem precisamos falar mais nada. Ele podia ler minha mente, eu sabia como Jerry funcionava. Não discutimos salários ou horas de trabalho, ou qualquer outro assunto que qualquer sindicalista precisa barganhar com patrões. Andamos de volta até o meu Copter e ao chegarmos, ele disse:

– Direi a eles que voltem ao trabalho, de que chegamos a um acordo. É o que eles querem, de qualquer forma. Alguém que pense por eles.

– Enquanto isso, traga os outros 5A para a fábrica e vamos trabalhar no nosso acordo.

Sabia que ele estava sendo sincero. Jerry me olhou longamente e então sua grande mão em forma de garra segurou a minha. E ele disse o que eu estava pensando já havia um bom tempo.

– Está certo sobre esse gancho, sr. Morrison. Não devíamos ter isso. Ela só vai causar problemas.

Jerry parou, os acontecimentos das últimas vinte e quatro horas passando em sua mente, bem como na minha.

– Você vai deixar nossos cérebros, afinal, você os criou, mas vai tirar nossa telepatia - suspirou, um suspiro bem humano - Agradeça por você não saber o que as pessoas pensam. É decepcionante.

* * * * *

Mais uma vez, sua boca se torcia naquele sorriso estranho para um robô e ele acrescentou:

– Se você ligar rapidamente para o Laboratório Cibernético e tiver um caminhão para nos levar, poderá tirar nossa telepatia a tempo de ainda trabalharmos esta manhã.

E isso foi tudo. Voei de volta para a fábrica e contei a Jack o que tinha

acontecido. Enviei uma mensagem ao Exército, dizendo que tudo foi resolvido e organizei com o Cibernético uma nova fiação para os modelos 5A. E em seguida fui para casa tomar o café feito por Rob-O, o primeiro café decente que tomava em vinte e quatro horas.

No sábado, entregamos a encomenda para o Exército no horário. Jerry e seus companheiros fizeram horas-extras para isso. Ser inteligente os tornava trabalhadores melhores e agora eles eram extremamente bem dispostos. Eles tinham contrato de trabalho. Eram cidadãos agora. E não podiam mais ler minha mente.

Fui até meu escritório no sábado à tarde e liguei o rádio. Jack e o chefe Dalton me observavam do outro lado da sala e Jack perguntou:

- Certo, Don, como você fez isso?
- Fiz o que? - tentei parecer inocente, mas não consegui.
- Enganou esses robôs para que voltassem ao trabalho, logicamente - ele riu.

E eu lhes disse, disse a verdade:

- Não os enganei. Apenas pensei o que poderia acontecer se eles ganhassem a greve.

Foi isso tudo o que fiz. Pensei sobre robôs construídos para trabalhar sem trabalho algum para fazer, sem prazeres humanos para usufruir, sem nada além de uma vida passada em branco, sem sentido. Pensei sobre Jerry e seu desapontamento quando aquelas criaturas não se preocupavam nem um pouco com o princípio de igualdade. Pensei sobre isso por toda a noite, sabendo que os 5A também pensavam.

Eles eram telepatas, aprendendo a pensar comigo, mas não tiveram tempo para desenvolver uma mentalidade por eles mesmos. O que eu acreditava, eles acreditavam. Minhas ideias eram suas ideias. Eu não os enganei, mas de agora em diante nem eu nem ninguém precisaria se preocupar com outra rebelião robótica.

Jack e o chefe Dalton ficara boquiabertos. Então, o chefe riu, seu queixo duplo sacudindo.

- Sempre soube que você era esperto, Don Morrison.

Sorri de volta. Senti que era mesmo muito esperto naquele momento. Foi neste instante que meu capataz mais jovem colocou a cabeça pela brecha da porta e olhou atônito para mim.

– Sr. Morrison, pode ficar aqui fora um minuto?

– O que aconteceu agora?

Seu olhar ficou ainda mais espantado.

– Aquele robô, Jerry. Ele diz que tem uma questão muito importante para discutir com o senhor.

– Bem, mande-o entrar.

Um pouco depois, aquela criatura de 2,5m passou pela porta.

– Desculpe incomodá-lo, sr. Morrison - Jerry disse educadamente - mas como sabe, amanhã é dia de eleição e agora que somos cidadãos... Bem, onde os robôs se registram para votar?

FIM

(?)